

# A PRODUÇÃO DO CONHECIMENTO NAS CIÊNCIAS HUMANAS

Solange Aparecida de Souza Monteiro  
(Organizadora)

Solange Aparecida de Souza Monteiro  
(Organizadora)

# A Produção do Conhecimento nas Ciências Humanas

Atena Editora  
2019

2019 by Atena Editora

Copyright © da Atena Editora

**Editora Chefe:** Profª Drª Antonella Carvalho de Oliveira

**Diagramação e Edição de Arte:** Natália Sandrini e Lorena Prestes

**Revisão:** Os autores

### **Conselho Editorial**

- Prof. Dr. Alan Mario Zuffo – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul  
Prof. Dr. Álvaro Augusto de Borba Barreto – Universidade Federal de Pelotas  
Prof. Dr. Antonio Carlos Frasson – Universidade Tecnológica Federal do Paraná  
Prof. Dr. Antonio Isidro-Filho – Universidade de Brasília  
Profª Drª Cristina Gaio – Universidade de Lisboa  
Prof. Dr. Constantino Ribeiro de Oliveira Junior – Universidade Estadual de Ponta Grossa  
Profª Drª Daiane Garabeli Trojan – Universidade Norte do Paraná  
Prof. Dr. Darllan Collins da Cunha e Silva – Universidade Estadual Paulista  
Profª Drª Deusilene Souza Vieira Dall’Acqua – Universidade Federal de Rondônia  
Prof. Dr. Eloi Rufato Junior – Universidade Tecnológica Federal do Paraná  
Prof. Dr. Fábio Steiner – Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul  
Prof. Dr. Gianfábio Pimentel Franco – Universidade Federal de Santa Maria  
Prof. Dr. Gilmei Fleck – Universidade Estadual do Oeste do Paraná  
Profª Drª Girlene Santos de Souza – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia  
Profª Drª Ivone Goulart Lopes – Istituto Internazionele delle Figlie de Maria Ausiliatrice  
Profª Drª Juliane Sant’Ana Bento – Universidade Federal do Rio Grande do Sul  
Prof. Dr. Julio Candido de Meirelles Junior – Universidade Federal Fluminense  
Prof. Dr. Jorge González Aguilera – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul  
Profª Drª Lina Maria Gonçalves – Universidade Federal do Tocantins  
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte  
Profª Drª Paola Andressa Scortegagna – Universidade Estadual de Ponta Grossa  
Profª Drª Raissa Rachel Salustriano da Silva Matos – Universidade Federal do Maranhão  
Prof. Dr. Ronilson Freitas de Souza – Universidade do Estado do Pará  
Prof. Dr. Takeshy Tachizawa – Faculdade de Campo Limpo Paulista  
Prof. Dr. Urandi João Rodrigues Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará  
Prof. Dr. Valdemar Antonio Paffaro Junior – Universidade Federal de Alfenas  
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande  
Profª Drª Vanessa Lima Gonçalves – Universidade Estadual de Ponta Grossa  
Prof. Dr. Willian Douglas Guilherme – Universidade Federal do Tocantins

#### **Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) (eDOC BRASIL, Belo Horizonte/MG)**

P964 A produção do conhecimento nas ciências humanas [recurso eletrônico] / Organizadora Solange Aparecida de Souza Monteiro. – Ponta Grossa (PR): Atena Editora, 2019. – (A Produção do Conhecimento nas Ciências Humanas; v. 1)

Formato: PDF

Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader.

Modo de acesso: World Wide Web.

Inclui bibliografia

ISBN 978-85-7247-276-0

DOI 10.22533/at.ed.760192404

1. Antropologia. 2. Ciências humanas – Pesquisa – Brasil.  
3. Pesquisa social. I. Monteiro, Solange Aparecida de Souza. II. Série.

CDD 301

**Elaborado por Maurício Amormino Júnior – CRB6/2422**

O conteúdo dos artigos e seus dados em sua forma, correção e confiabilidade são de responsabilidade exclusiva dos autores.

2019

Permitido o download da obra e o compartilhamento desde que sejam atribuídos créditos aos autores, mas sem a possibilidade de alterá-la de nenhuma forma ou utilizá-la para fins comerciais.

[www.atenaeditora.com.br](http://www.atenaeditora.com.br)

## APRESENTAÇÃO

Chega mais perto e contempla as palavras.

Cada uma

Tem mil faces secretas sobre a face neutra

E te pergunta, sem interesse pela resposta,

Pobre ou terrível, que lhe deres:

Trouxeste a chave?

Drummond

O livro faz parte da publicação de três volumes reuni trabalhos e pesquisas realizadas por acadêmicos de universidades realizadas na diversas Regiões do Brasil. O rigor metodológico e científico presentes na elaboração do livro revela a seriedade e a profundidade com que os temas foram tratados, por isso, trata-se de uma leitura necessária e obrigatória para quem pretende fazer ciência no Brasil. Faço deslizar lentamente os meus olhos pela linha de palavras que compõem o tema deste livro, sendo o meu primeiro desafio: qual face dessas palavras, entre as mil que possam ter, escolherei para tecer o fio que me permitirá entrar e sair do labirinto deste texto, de saída, que o discurso daquele que analisa não pode ter a aspiração de ser o avesso de discursos outros (do filósofo, do educador, da histeria, do mestre na intenção de passar-lhes a purificado.

Gostaria de me deixar levar pelos pensamentos que me arrebatam no processo que ora início de me haver com a provocativa questão: afinal, qual a importância dos conhecimentos produzidos por nós mesmos na área das chamadas Ciências Humanas?

Contudo, sinto-o agora, o começo de qualquer discurso, como reconheceu Foucault, é angustiante. Ele, que tratou com seriedade e rigor o tema, sentiu o forte o peso que lhe conferia a linguagem em sua aula inaugural no Collège de France. Em sua fragilidade humana confessou:

Ao invés de tomar a palavra, gostaria de ser envolvido por ela e levado bem além de todo o começo possível.(...) (p.5)

Escrever é como falar, uma captação de palavras; encontrar aquelas apropriadas para dar forma ao pensamento promove a obstinação de um arqueólogo. Percebo que a língua é uma matéria prima indócil. Em primeiro lugar, porque quem escreve luta com palavras, como escreveu Drummond (*O lutador*). Em segundo, porque força o autor no confronto com a própria solidão, com a lacuna de “algo que pudesse ter estado sempre aí” e pudesse, simplesmente, deixar-se (con) fundir.

Isso me faz refletir sobre a produção de conhecimento, quase sempre nos referimos à construção de saberes apontados sob a forma escrita. Nos meios acadêmicos essa é, ao mesmo tempo, uma exigência das agências de fomento e uma forma de controle institucional de produção. Somos impelidos a escrever e a estar cada vez mais em

solidão. O risco que corremos: terminarmos por nos afastar do mundo e dos papéis que, nas ruas, nas esquinas, em nossas casas e classes tornam a vida um movimento coletivo de fazer, desfazer e compreender o cotidiano. Meio da cultura viva, que pulsa, lateja, vibra e produz conhecimentos.

Alguns poderiam ajustar que quem fala não escolarizado compartilha e participa da produção do que se indica, carente, despectivo, desdenhativo de “senso comum”. Outros rebateriam, considerando que todo saber produzido coletivamente, nos esforços diários que fazem as pessoas para entenderem a vida, é uma configuração legítima e considerada e qualificada de conhecimento. Alguém, por seu turno, poderia se acelerar em responder: “Mas o que o povo produz são compreensões leigas e estamos, aqui, falando de sistemas de verdades produzidas pelas ciências humanas, produzidos não nas ruas, mas em centros de pesquisas e universidades.” Temos, nesse “esclarecimento”, o desvelamento da divisão bem conhecida entre saber acadêmico e saber popular.

O risco do banimento da vida vivida pelos personagens que, incongruente, pretendemos pesquisar, se torna fato abalizado pelas fronteiras geográficas e fixas que criamos para constituir aqueles mesmos centros e universidades. O medo, prenuncio e ameaça, de sofrermos agressões por esse mundo que nos parece exterior, nos fazem idealizar, planejar e criar novas estratégias de confinamento espacial e sendo assim colocamos cercas em todo o espaço que acolhe as construções em que trabalhamos.

“Um acontecimento vivido é finito, ou pelo menos encerrado na esfera do vivido, ao passo que o acontecimento lembrado é sem limites, porque é apenas uma chave para tudo que veio antes e depois.”

Walter Benjamin

Ficamos nós como salvos para estarmos sempre às bordas com nossa produção escrita e com a tarefa de calcular cada novo texto, assim que concluído, nas diversas formas de registro, para, logo em seguida, recomeçarmos o mesmo ciclo. Vemo-nos absorvidos por uma rede de protocolos que consome tempo e nos rouba a vida partilhada com nossos próprios. Se isto só não fosse suficiente, por sermos avaliados pelo que produzimos, nos tornamos “pessoas-produtos”. O próprio jogo institucional nos classifica em pesquisadores melhores e piores, medianos e brilhantes, nos distribui em níveis hierárquicos sob siglas bem definidas pelas agências de fomento. Passamos a no olhar com a discriminação que tais classificações acabam por nos conceber. Separamo-nos assim, vaidosamente, uns dos outros, como se estivéssemos submergidos num encastelamento.

Ainda que o racismo seja uma planta daninha, nociva e abjeta, cuja existência incriminamos, repudiamos e cuja natureza analisamos em nossos textos bem-comportados e politicamente corretos, acabamos por reproduzi-lo em nossas vidas vividas. Emancipamos dele em nossas vidas escritas; estas, codificadas em livros e artigos, que ficam disponibilizados nas universidades e nos meios digitais. Tentamos

sair intatos em nossa consciência, justificando que, afinal, critérios objetivos nos dividem, mas esquecemos que eles, os critérios, atendem a interesses políticos e ideológicos que amparam, nesse período histórico, “isso” que chamamos *de estado democrático de direito*.

Difícil pensar em uma escola *para os outros e para todos*, ou seja, em uma escola inclusiva, quando nós mesmos nos isolamos em circunscritos grupos de relações, tornando-os abalizados, e muitas vezes, intransmissível entre si.

Eis uma questão me assenta em desalento. Vou expô-la aqui: o que, afinal, estamos fazendo com o cuidado de si, a partir do conhecimento que produzimos para outras pessoas? Ou, como nos provoca Foucault (1998)

de que valeria a obstinação do saber se ele assegurasse apenas a aquisição dos conhecimentos e não, de certa maneira, e tanto quanto possível, o descaminho daquele que conhece? (p.13)

O retorno transformador do conhecimento para aquele que conhece deve ser uma prática de bastidores e individual, ou seja, deve estar apartado do processo de produção do conhecimento enquanto tal. Esse pensamento, Foucaultiano (1998) responde:

Mas o que é filosofar hoje em dia – quero dizer, a atividade filosófica – senão o trabalho crítico do pensamento sobre o próprio pensamento? (...) O “ensaio” (...) é o corpo vivo da filosofia, se, pelo menos, ela for ainda hoje o que era outrora, ou seja, uma “ascese”, um exercício de si, no pensamento. (idem, p. 13).

Foucault nos acena a filosofar como um exercício de (re) escrita de si, por meio *de práticas reflexivas e voluntárias através das quais os homens não somente se fixam formas de conduta, como também procuram se transformar, modificar-se em seu ser singular e fazer de sua vida uma obra que seja portadora de certos valores estéticos e responda a certos critérios de estilo*.

A importância das Ciências Humanas na produção de conhecimento, no entanto, não para a Educação, mas para nós mesmos, que habitamos os espaços onde, institucionalmente, conferimos materialidade às Faculdades de Educação. Todavia, já avanço: coloquei-me como membro, escrevo como parte dela. Faço parte do jogo que pretendi desnudar.

Perseguindo ainda a ideia de que nossa produção, às vezes, se torna uma compulsão que não nos permite ter tempo de deleitar-se o que produzimos, tento pensar como, usualmente, saímos desse impasse.

Creio que, às vezes, nos iludimos pensando que, quanto mais aprendemos, mais afinados teoricamente ficamos, mais temos o que ensinar às novas gerações. Segunda armadilha: se já sabemos o que ensinar, qual o espaço de criatividade que damos ao aluno? Temos alguma garantia sobre o que, de fato, ensinamos?

A ideia não é nova, basta lembrar Paulo Freire. Todavia, o desejo como o movimento do amante em direção ao preenchimento de uma falta não passível de objetivação pelo amado.

Portanto, a aprendizagem é algo que escapa, que não se pode controlar de fora mas que se pode propiciar no jogo amoroso de buscas recíprocas de atendimento de desejos, também recíprocos, do professor e do aluno em necessária parceria afetiva.

Arrisco concluir que aquilo que produzimos pode, apenas em parte, atender ao aluno. E, naquilo que atende, talvez não possamos nunca precisar em quê. O que sabemos é ponto de partida de nossa oferta, não é a satisfação da demanda daquele que busca conhecer.

Com isso, o saber e a ciência adquirem um papel ainda mais relevante do que tinham em tempos atrás. As concepções de produção do conhecimento sofrem alterações a cada época, pois cada momento histórico tem seus próprios modelos e suas próprias maneiras de ver, agir e sentir, acompanhados de um novo conceito de produção do conhecimento e, conseqüentemente, do que venha a ser válido e reconhecido. O conhecimento está sempre associado à situação transitória de evolução em que se encontram as sociedades em variadas épocas, determinando e sendo pela situação determinado. Para esse trabalho de reflexão sobre a produção de conhecimento na sociedade da informação abordaremos, inicialmente, o processo de construção de conhecimento, o conhecimento científico e a pesquisa em ciências humanas, mais especificamente em educação, contextualizando, em seguida, com a sociedade da informação e as novas discussões emergentes sobre o conhecimento científico.

Com a perspectiva de Walter Benjamin de que “o acontecimento lembrado é sem limites, porque é apenas uma chave para tudo que veio antes e depois”, fizemos essa pequena inserção empírica no sentido de acrescentar outras vozes na interlocução que viemos fazendo. Conscientes dos limites e desafios que precisamos assumir para aprofundamento deste tema, ficou para nós que: “escrever é isso aí: interlocução”.

No artigo **ISABEL O MUERTE!**: **O APOIO DA EXTREMA-DIREITA PERONISTA AO GOVERNO DE MARÍA ESTELA MARTÍNEZ DE PERÓN ATRAVÉS DA REVISTA *EL CAUDILLO* (1973-1975)**, a autora Nádia Cristiane Coelho da Silva Kendzerski, busca investigar procuramos demonstrar como a revista *El Caudillo de la Tercera Posición*, mesmo não se declarando como uma publicação da direita peronista, possuía um discurso pró-Isabel e de aniquilação dos infiltrados e traidores. Seu tom ameaçador através do slogan “*el mejor enemigo es el enemigo muerto*”. No artigo **OS DOIS LADOS DO ESPELHO – PROTESTOS DE JUNHO DE 2013 E A CONSTRUÇÃO DO DISCURSO DE PODER** o autor ou autora CLAUDIA PEIXOTO CABRAL, buscam abordar a relação de dominação e controle, exercida pelo Estado, no contexto histórico dos protestos de junho de 2013, a partir da concepção de construção discursiva em ocorre a criação de uma imagem que instaura uma representação estereotipada discriminatória da ação coletiva e do sujeito manifestante. No artigo **A BELEZA DO TEMPO: NARRATIVAS DO ENVELHECER FEMININO**, os autores Camila Cuencas Funari Mendes e Silva Mariele Rodrigues Correa Leonardo Lemos de Souza buscam analisar o envelhecer feminino na contemporaneidade. A velhice têm sua história e,

esta, é determinada em cada época e em cada cultura de forma diferente. No artigo **A CONSTRUÇÃO CONTÍNUA DO PROCESSO DEMOCRÁTICO E OS DESAFIOS DA REPRESENTAÇÃO POLÍTICA** o autor Gabriel Pancera Aver buscou-se analisar de forma pormenorizada dois desafios enfrentados pela democracia representativa, a saber, a dificuldade de separar representantes e representados, a formação de uma elite política distanciada das massas e a ruptura do vínculo entre a vontade dos representantes e a dos representados. No artigo **A EDUCAÇÃO COMO ESTRATÉGIA DE PREVENÇÃO DE ACIDENTES DE TRÂNSITO COM A PESSOA IDOSA** a autora Érica Elisa Nickel, apresentou os resultados de pesquisa do programa de educação para o trânsito, direcionada à pessoa idosa, denominado “Boa prosa sobre trânsito” ocorrido em Curitiba, no Paraná, entre 2014 e 2016, realizado por uma organização não governamental. No artigo **A FORMAÇÃO DO COORDENADOR PEDAGÓGICO: REFLEXÃO DA PRÁTICA COM FOCO NO PENSAMENTO COMPLEXO**, as autoras Francisca Janice Silva Ana Paula Fernandes Cunha, objetivo deste é elucidar a necessidade da implantação do pensamento complexo, para o processo de aprendizagem do coordenado pedagógico como formador de professor, na abordagem transdisciplinar. No artigo **A GENÉTICA DA DOENÇA DE ALZHEIMER E OS NOVOS AVANÇOS PARA O DIAGNÓSTICO E TERAPÊUTICA DA PATOLOGIA**. As autoras Andréia de Oliveira Militão e Angela Maria Sales Barros buscam trazer informações relevantes sobre a DA com ênfase à genética e aos novos avanços, coletadas, através de revisão bibliográfica, e anteriormente publicadas em revista científica e anais de congresso, foram reorganizadas e disponibilizadas de forma a facilitar o conhecimento sobre a doença, ao acesso e contribuir com pesquisas voltadas ao entendimento da doença. No artigo **A GESTÃO DO TERRITÓRIO NA REGIONAL ALTO ACRE** a autora Amanda Rebeka Lima de Souza buscou se, no presente trabalho, compreender os modelos de gestão que são usados atualmente na regional do Alto Acre. Avaliar a dinâmica territorial é fundamental para a pesquisa. Para isso, foi necessário o levantamento de documentos, leis e projetos em escala nacional, estadual e municipal. De acordo com os resultados encontrados, as políticas públicas implantadas na regional não atendem a maior parte da população que habita ali. No artigo **A LUTA PELA TERRA E A RECRIAÇÃO CAMPONESA NO ASSENTAMENTO UBÁ- SANTA QUITÉRIA-CEARÁ** as autoras Janaiára Maria de Paiva Ferreira e Sandra Maria Fontenele Magalhães buscam entender o processo de luta dos camponeses pela conquista da terra do assentamento Ubá do município de Santa Quitéria- Ceará, buscando apreender como os camponeses resolveram resistir e lutar contra a dominação dos latifundiários. No artigo **A PARTICIPAÇÃO SOCIAL NO CONSELHO MUNICIPAL DE POLÍTICA CULTURAL DE CHAPECÓ: POTENCIALIDADES E DESAFIOS**, os autores Everton Gabriel Bortoletti e Laise Ziger buscam identificar os desafios e potencialidades da participação social no Conselho Municipal de Política Cultural de Chapecó (CMPC), tendo em vista suas peculiaridades de atribuições, composição e representação. No artigo **A PRÁTICA DA AGRICULTURA FAMILIAR**

COMO ALTERNATIVA DE PERMANÊNCIA NO CAMPO, os autores Fernanda Penteado, Alison Diego Leajanski, Willian Samuel Santana da Roza buscam pontuar os principais fatores que podem configurar a prática da agricultura familiar enquanto possibilidade de permanência das pessoas no espaço rural, destacando alguns aspectos referentes ao êxodo rural e a sua problemática, assim, apresentar uma discussão teórica e conceitual. No artigo **A SEMIÓTICA NO MUNDO DA MODA: UMA VISÃO PSICANALÍTICA** busca analisar a moda não é somente a escolha do vestuário, mas está ligada a formas culturais de expressão e principalmente de linguagem. É através dela que o sujeito pode demonstrar sua personalidade, seus costumes e representar uma dada forma de ser, atribuindo significados e valores para essa ação. Acredita-se que todos esses significados englobam a semiótica e moda que dentro dessa perspectiva é vista como um produto cultural desses significados. No artigo **A TRANSIÇÃO DA EDUCAÇÃO INFANTIL PARA O ENSINO FUNDAMENTAL: ANÁLISE DA CONTINUIDADE DO PROCESSO NA PERSPECTIVA LÚDICA**, os autores Isa Stavracas, Ana Lee Claudio, Rebeca Josiane Ferreira da Silva, Sandra Esteves de Camargo, Vanessa Alves Duarte de Oliveira, buscar fazer uma análise da transição vivenciada pelos alunos da educação infantil para o ensino fundamental, a fim de verificar como os níveis de ensino se articulam para dar continuidade aos processos que envolvem o lúdico que se iniciam na educação infantil e devem se formalizar nos anos iniciais do ensino fundamental I – Ciclo de Alfabetização. No artigo **A UATI COMO MEIO DE INCLUSÃO SOCIAL E OTIMIZAÇÃO DO BEM-ESTAR DA PESSOA IDOSA NA CIDADE DE BRUMADO – BA** os autores Anderson Ribeiro dos Anjos Caroline Malta Santos Almeida, Universidade, Stefani Monique Vasconcelos, Sheila Marta Carregosa Rocha, buscam investigar o seguinte: De que forma o projeto de extensão intitulado “Universidade Aberta a Terceira Idade” desenvolvido pela Universidade do Estado da Bahia pode contribuir com a inclusão social e otimização do bem-estar dos idosos residentes na cidade de Brumado – Ba. No artigo **AVALIAÇÃO DO DECLÍNIO FUNCIONAL EM UMA IDOSA DA COMUNIDADE: RELATO DE CASO**, os autores Helane Santana Cruz e Víncius Zacarias Maldaner da Silva buscam relatar o caso de uma idosa atendida pela equipe de estratégia saúde da família na cidade de Brasília-Distrito Federal. Método: estudo observacional, do tipo relato de caso, conduzido à uma idosa da comunidade durante a visita domiciliar. Os dados foram coletados por meio do questionário VES-13. No artigo **CENTRO DE SAÚDE DO IDOSO DE BLUMENAU/SC: UMA EXPERIÊNCIA MULTIPROFISSIONAL DE TRABALHO INTERDISCIPLINAR**, as autoras Gisele Cristine Zimmer Samagaia e Mara Rúbia Rutzen realizaram uma pesquisa bibliográfica e documental para comparação e discussão com a realidade do Centro de Saúde do Idoso de Blumenau. No artigo **COMO NOS TEMPOS DA “BABA”:** A PRODUÇÃO DE CERVEJA CASEIRA EM IRATI-PR, ENTRE OS SÉCULOS XX E XXI, Matheus Alexandre Razera, Valter Martins analisar diferentes receitas e a prática de preparar cerveja artesanal, descobrir como este saber é aprendido e repassado. Para tanto

utilizamos o método da História Oral e textos teóricos sobre História da Alimentação. No artigo **CONSCIENTIZAÇÃO PARA O CONSUMO ADEQUADO DA ÁGUA: UM TRABALHO COM ALUNOS DO ENSINO FUNDAMENTAL II**, os autores José Daniel Soler Garves, Andrezza Santos Flores, Cibele Diogo Pagliarini, Ângela Coletto Morales Escolano buscam discutir a importância do uso consciente da água, os motivos dessa escassez, as consequências do uso inadequado e a necessidade de redução do consumo de água. No artigo **CONSTRUÇÃO E VALIDAÇÃO DE UM INSTRUMENTO MULTIDISCIPLINAR BASEADO NA CLASSIFICAÇÃO INTERNACIONAL DE FUNCIONALIDADE INCAPACIDADE E SAÚDE (CIF)**, os autores Auristela Duarte Moser, Fernanda Cury Martins Teigão, Kethelyn Contente Alves, buscam Construir um instrumento multidisciplinar de avaliação da funcionalidade em idosos institucionalizados baseado na CIF e validá-lo com especialistas da área. No artigo **DILEMAS DA REGULARIZAÇÃO FUNDIÁRIA: VIDA COTIDIANA E SOCIABILIDADE NO LOTEAMENTO NOVO MILÊNIO EM PELOTAS (RS)**, a autora Pamela da Costa Lopes Sales busca apresentar os laços de sociabilidade e as situações de conflito vividos pelos moradores, antes e após a política urbanística de regularização implementada pelo poder público municipal. No artigo **DISCURSOS SOBRE A SEXUALIDADE INFANTIL NO PROGRAMA “PROFISSÃO REPÓRTER”**, os autores Ana Elisa Nardo Caseri e Carmem Lúcia Sussel Mariano buscou-se analisar como o Programa “Profissão Repórter”, da Rede Globo de Televisão, abordou as temáticas associadas à sexualidade infantil e juvenil, para apreender que sentidos estão sendo construídos e os usos que têm sido feitos desses temas pela mídia. No artigo **EDUCAÇÃO DA CRIANÇA COM DEFICIÊNCIA VISUAL: o papel da formação continuada**, os autores Maria Almerinda de Souza Matos, Cátia de Lemos, Claudenilson Pereira Batista buscaram relatar os avanços na educação de uma criança cega a partir da formação continuada para a mãe e a professora. No artigo **ENTRE DOENÇAS, CURAS E BENZEDURAS: O OFÍCIO DAS BENZEDEIRAS EM REBOUÇAS, PARANÁ, NO LIMAR DO SÉC. XXI**, os autores Marcia Scavinski e Valter Martins analisar mudanças e permanências nas práticas e no ofício dessas benzedadeiras ao longo do tempo, compreendendo as suas práticas curativas, investigando a memória dessas mulheres a partir de depoimentos, relacionando com a história da religiosidade popular.

Solange Aparecida de Souza Monteiro

## SUMÁRIO

<b>CAPÍTULO 1</b> .....	<b>1</b>
“¡ISABEL O MUERTE!”: O APOIO DA EXTREMA-DIREITA PERONISTA AO GOVERNO DE MARÍA ESTELA MARTÍNEZ DE PERÓN ATRAVÉS DA REVISTA <i>EL CAUDILLO</i> (1973-1975)	
Nádia Cristiane Coelho da Silva Kendzerski	
DOI 10.22533/at.ed.7601924041	
<b>CAPÍTULO 2</b> .....	<b>17</b>
OS DOIS LADOS DO ESPELHO – PROTESTOS DE JUNHO DE 2013 E A CONSTRUÇÃO DO DISCURSO DE PODER	
Claudia Peixoto Cabral	
DOI 10.22533/at.ed.7601924042	
<b>CAPÍTULO 3</b> .....	<b>35</b>
A BELEZA DO TEMPO: NARRATIVAS DO ENVELHECER FEMININO	
Camila Cuencas Funari Mendes e Silva	
Mariele Rodrigues Correa	
Leonardo Lemos de Souza	
DOI 10.22533/at.ed.7601924043	
<b>CAPÍTULO 4</b> .....	<b>47</b>
A CONSTRUÇÃO CONTÍNUA DO PROCESSO DEMOCRÁTICO E OS DESAFIOS DA REPRESENTAÇÃO POLÍTICA	
Gabriel Pancera Aver	
DOI 10.22533/at.ed.7601924044	
<b>CAPÍTULO 5</b> .....	<b>61</b>
A EDUCAÇÃO COMO ESTRATÉGIA DE PREVENÇÃO DE ACIDENTES DE TRÂNSITO COM A PESSOA IDOSA	
Érica Elisa Nickel	
DOI 10.22533/at.ed.7601924045	
<b>CAPÍTULO 6</b> .....	<b>69</b>
A FORMAÇÃO DO COORDENADOR PEDAGÓGICO: REFLEXÃO DA PRÁTICA COM FOCO NO PENSAMENTO COMPLEXO	
Francisca Janice Silva	
Ana Paula Fernandes Cunha	
DOI 10.22533/at.ed.7601924046	
<b>CAPÍTULO 7</b> .....	<b>80</b>
A GENÉTICA DA DOENÇA DE ALZHEIMER E OS NOVOS AVANÇOS PARA O DIAGNÓSTICO E TERAPÊUTICA DA PATOLOGIA	
Andréia de Oliveira Militão	
Angela Maria Sales Barros	
DOI 10.22533/at.ed.7601924047	
<b>CAPÍTULO 8</b> .....	<b>92</b>
A GESTÃO DO TERRITÓRIO NA REGIONAL ALTO ACRE	
Amanda Rebeka Lima de Souza	
DOI 10.22533/at.ed.7601924048	

<b>CAPÍTULO 9</b> .....	<b>107</b>
A LUTA PELA TERRA E A RECRIAÇÃO CAMPONESA NO ASSENTAMENTO UBÁ- SANTA QUITÉRIA-CEARÁ	
Janaiára Maria de Paiva Ferreira Sandra Maria Fontenele Magalhães	
<b>DOI 10.22533/at.ed.7601924049</b>	
<b>CAPÍTULO 10</b> .....	<b>115</b>
A PARTICIPAÇÃO SOCIAL NO CONSELHO MUNICIPAL DE POLÍTICA CULTURAL DE CHAPECÓ: POTENCIALIDADES E DESAFIOS	
Everton Gabriel Bortoletti Laise Ziger	
<b>DOI 10.22533/at.ed.76019240410</b>	
<b>CAPÍTULO 11</b> .....	<b>122</b>
A PRÁTICA DA AGRICULTURA FAMILIAR COMO ALTERNATIVA DE PERMANÊNCIA NO CAMPO	
Fernanda Penteado Alison Diego Leajanski Willian Samuel Santana da Roza	
<b>DOI 10.22533/at.ed.76019240411</b>	
<b>CAPÍTULO 12</b> .....	<b>130</b>
A SEMIÓTICA NO MUNDO DA MODA: UMA VISÃO PSICANALÍTICA	
Gabriela Cristina Maximo Evandro Fernandes Alves	
<b>DOI 10.22533/at.ed.76019240412</b>	
<b>CAPÍTULO 13</b> .....	<b>139</b>
A TRANSIÇÃO DA EDUCAÇÃO INFANTIL PARA O ENSINO FUNDAMENTAL: ANÁLISE DA CONTINUIDADE DO PROCESSO NA PERSPECTIVA LÚDICA	
Isa Stavracas Ana Lee Claudio Rebeca Josiane Ferreira da Silva Sandra Esteves de Camargo Vanessa Alves Duarte de Oliveira	
<b>DOI 10.22533/at.ed.76019240413</b>	
<b>CAPÍTULO 14</b> .....	<b>152</b>
A TRANSIÇÃO DA EDUCAÇÃO INFANTIL PARA O ENSINO FUNDAMENTAL: OS RITOS DE PASSAGEM E AS EXPECTATIVAS DAS CRIANÇAS SOBRE O PROCESSO	
Isa Stavracas Fernanda Alexandre dos Santos Loide Giacometti Bervanger Stefani Leite Ribeiro	
<b>DOI 10.22533/at.ed.76019240414</b>	

<b>CAPÍTULO 15</b> .....	<b>165</b>
A UATI COMO MEIO DE INCLUSÃO SOCIAL E OTIMIZAÇÃO DO BEM-ESTAR DA PESSOA IDOSA NA CIDADE DE BRUMADO – BA	
Anderson Ribeiro dos Anjos Caroline Malta Santos Almeida Stefani Monique Vasconcelos Sheila Marta Carregosa Rocha	
<b>DOI 10.22533/at.ed.76019240415</b>	
<b>CAPÍTULO 16</b> .....	<b>174</b>
AVALIAÇÃO DO DECLÍNIO FUNCIONAL EM UMA IDOSA DA COMUNIDADE: RELATO DE CASO	
Helane Santana Cruz Vínicius Zacarias Maldaner da Silva	
<b>DOI 10.22533/at.ed.76019240416</b>	
<b>CAPÍTULO 17</b> .....	<b>182</b>
CENTRO DE SAÚDE DO IDOSO DE BLUMENAU/SC: UMA EXPERIÊNCIA MULTIPROFISSIONAL DE TRABALHO INTERDISCIPLINAR	
Gisele Cristine Zimmer Samagaia Mara Rúbia Rutzen	
<b>DOI 10.22533/at.ed.76019240417</b>	
<b>CAPÍTULO 18</b> .....	<b>192</b>
COMO NOS TEMPOS DA “BABA”: A PRODUÇÃO DE CERVEJA CASEIRA EM IRATI-PR, ENTRE OS SÉCULOS XX E XXI	
Matheus Alexandre Razera Valter Martins	
<b>DOI 10.22533/at.ed.76019240418</b>	
<b>CAPÍTULO 19</b> .....	<b>207</b>
CONSCIENTIZAÇÃO PARA O CONSUMO ADEQUADO DA ÁGUA: UM TRABALHO COM ALUNOS DO ENSINO FUNDAMENTAL II	
José Daniel Soler Garves Andrezza Santos Flores Cibele Diogo Pagliarini Ângela Coletto Morales Escolano	
<b>DOI 10.22533/at.ed.76019240419</b>	
<b>CAPÍTULO 20</b> .....	<b>216</b>
CONSTRUÇÃO E VALIDAÇÃO DE UM INSTRUMENTO MULTIDISCIPLINAR BASEADO NA CLASSIFICAÇÃO INTERNACIONAL DE FUNCIONALIDADE INCAPACIDADE E SAÚDE (CIF)	
Auristela Duarte Moser Fernanda Cury Martins Teigão Kethelyn Contente Alves	
<b>DOI 10.22533/at.ed.76019240420</b>	
<b>CAPÍTULO 21</b> .....	<b>230</b>
DILEMAS DA REGULARIZAÇÃO FUNDIÁRIA: VIDA COTIDIANA E SOCIABILIDADE NO LOTEAMENTO NOVO MILÊNIO EM PELOTAS (RS)	
Pamela da Costa Lopes Sales	
<b>DOI 10.22533/at.ed.76019240421</b>	

<b>CAPÍTULO 22</b> .....	<b>246</b>
DISCURSOS SOBRE A SEXUALIDADE INFANTIL NO PROGRAMA “PROFISSÃO REPÓRTER”	
Ana Elisa Nardo Caseri	
Carmem Lúcia Sussel Mariano	
<b>DOI 10.22533/at.ed.76019240422</b>	
<b>CAPÍTULO 23</b> .....	<b>258</b>
EDUCAÇÃO DA CRIANÇA COM DEFICIÊNCIA VISUAL: O PAPEL DA FORMAÇÃO CONTINUADA	
Maria Almerinda de Souza Matos	
Cátia de Lemos	
Claudenilson Pereira Batista	
<b>DOI 10.22533/at.ed.76019240423</b>	
<b>CAPÍTULO 24</b> .....	<b>270</b>
ENTRE DOENÇAS, CURAS E BENZEDURAS: O OFÍCIO DAS BENZEDEIRAS EM REBOUÇAS, PARANÁ, NO LIMIAR DO SÉC. XXI	
Marcia Scavinski	
Valter Martins	
<b>DOI 10.22533/at.ed.76019240424</b>	
<b>SOBRE A ORGANIZADORA</b> .....	<b>287</b>

## ENTRE DOENÇAS, CURAS E BENZEDURAS: O OFÍCIO DAS BENZEDEIRAS EM REBOUÇAS, PARANÁ, NO LIMIAR DO SÉC. XXI

**Marcia Scavinski**

Universidade Estadual do Centro-Oeste/  
UNICENTRO - DEHIS, Irati-PR

**Valter Martins**

Universidade Estadual do Centro-Oeste/  
UNICENTRO, DEHIS, Irati-PR

**RESUMO:** O Brasil é um país rico em sua cultura e as religiões desempenham um papel significativo na vida da população. O místico e o sagrado se misturam em práticas e rituais, geralmente transmitidos de geração em geração. Neste contexto as benzedeadas se destacam por manterem a tradição, unir a fé e o misticismo com práticas curativas por meio de suas benzeduras. Assim, neste texto analisamos mudanças e permanências nas práticas e no ofício dessas benzedeadas ao longo do tempo. Buscamos compreender as suas práticas curativas, investigando a memória dessas mulheres a partir de depoimentos, relacionando com a história da religiosidade popular.

**PALAVRAS-CHAVE:** Benzedeadas; religiosidade/sagrado; práticas de cura; Rebouçadas/PR.

**ABSTRACT:** Brazil is a country rich in its culture and religions play a significant role in the life of the population. The mystic and the sacred mingle in practices and rituals, usually handed

down from generation to generation. In this context the healers stand out for keeping the tradition, uniting faith and mysticism with healing practices through their blessings. Within this context, this text sought to carry out a study on the changes and permanences in the practices and the office of these healers over time. We seek to understand their healing practices, investigating the memory of these women from testimonies, relating to the history of popular religiosity.

**KEYWORDS:** Healers; religious / sacred; healing practices; Rebouçadas / PR.

### 1 | INTRODUÇÃO

As práticas e os altares das benzedeadas são o tema deste estudo. Estas guardiãs dos saberes tradicionais atuam de maneira significativa na cidade de Rebouçadas/PR. Contudo, assimilam novos saberes e novos elementos e, ao mesmo tempo, mantém a tradição do ofício de benzer.

Estes sujeitos históricos foram, por muito tempo, marginalizados e desconsiderados no âmbito da escrita da história porque, desde pelo menos o século XIX, a maioria das pesquisas nesta área limitava-se aos grandes acontecimentos e aos heróis e estadistas, almejando análises globais da sociedade. As

benzedeadas, personagens comuns do cotidiano, se tornam privilegiadas neste texto. Estão inseridas no tempo e no espaço e as suas práticas religiosas são mais que vestígios do passado, pois as formas como as benzedeadas atuam, bem como a maneira de organizar seus altares, se tornam objeto de investigação.

A historiografia do município de Reboúças, conforme Perussolo (2011, p. 27) indica que a povoação teve seu início na localidade de Butiazal, sob a jurisdição de São João do Triunfo, integrando a comarca de Palmeira. Como distrito, passou a chamar-se Antônio Reboúças, em homenagem ao engenheiro que orientou os trabalhos de construção da estrada de ferro São Paulo-Rio Grande. Em 31 de março de 1930 tornou-se município, pela Lei Estadual nº 2738. Em 1943, a denominação Antônio Reboúças, foi simplificada para Reboúças, pelo fato de que já havia, em São Paulo, um município homônimo.

Conforme esta mesma narrativa, muitas famílias vieram para a região com o intuito de explorar a madeira e os ervais nativos. Além disso, a maioria das pessoas que ocuparam o meio rural de Reboúças teria vindo, sobretudo, das áreas de conflito do Contestado. Essa população mais ou menos flutuante, fugindo da região de conflito entre o Estado do Paraná e de Santa Catarina, adentraram as matas em busca de segurança (PERUSSOLO, 2011, p. 27).

O último censo realizado na região, no ano de 2010, computou 14.176 habitantes no município. Atualmente, segundo projeções do IBGE, a população está no mesmo nível do último censo. Em 2009 um levantamento realizado pelo Movimento Aprendizes da Sabedoria (MASA), identificou cento e trinta e três benzedeadas atuando no município. A pesquisa alcançou a área urbana e a rural. É um número significativo de praticantes deste ofício popular para uma cidade deste porte. Trata-se de cerca de uma benzedeadas para cada cem habitantes.

Dessa centena de mulheres, conversamos com cinco benzedeadas para esta pesquisa, devido à facilidade de acesso já que moram na área urbana e concordaram em conceder entrevista para coleta de dados. Para chegarmos a elas, uma foi indicando a outra, orientando que mencionássemos seu nome ao fazer o contato. E assim foi.

Além das visitas às casas e da tomada de depoimentos e fotografias, realizamos cinco entrevistas semiestruturadas com nossas colaboradoras. Para José Carlos Sebe Bom Meihy (2005, p.17) a definição de História Oral não é simples. Para ele “é difícil precisar o que é história oral, pois essa prática [...] é dinâmica e criativa”. Esse autor rompe com o antigo paradigma da história oral, de ser apenas uma técnica usada por várias ciências girando em torno do entrevistar. Nas palavras de Meihy:

A história oral é um recurso moderno usado para a elaboração de documentos, arquivamento e estudos referentes à experiência social de pessoas e de grupos. Ela é sempre uma história do tempo presente e também reconhecida como história viva (MEIHY, 2005, p.17).

Meihy afirma que devemos usar para o entrevistado a palavra “colaborador”, uma vez que o trabalho da entrevista é algo que demanda dois lados pessoais e

humanos. “Colaborador é um termo importante da definição do relacionamento entre o entrevistador e o entrevistado [...] É fundamental porque estabelece uma relação de compromisso entre as partes”. (MEIHY, 2005, p. 124).

As fontes orais, também, nos permitem buscar outras fontes documentais, sendo que, não é somente quando os documentos escritos não existem que a história oral acontece: “Ela é vital também para produzir outras versões das histórias feitas com base em documentos cartoriais, consagrados e oficiais” (MEIHY, 2005, p. 29). Portanto, é uma metodologia que vai se combinar com outras fontes como a fotografia.

Podemos dizer que as benzedeadas não têm um motivo unificado e único para organizar seu altar doméstico. Cada uma delas o organiza em um lugar criativo e diferente, onde possa exercitar o seu ofício religioso. Por esse motivo, buscamos em Michel de Certeau, a noção de lugar e espaço, bem como o conceito de *estratégias e táticas* desenvolvidas no cotidiano.

O espaço é o lugar em que práticas cotidianas ocorrem e interessa ao historiador porque, nele se praticam coisas. Configura-se como lugar histórico porque, ali, são ou foram desenvolvidas certas atividades. Utilizaremos o conceito de espaço apresentado por Michel de Certeau (2007, p. 202) para quem:

A ordem (seja qual for) segundo a qual se distribuem elementos nas relações de coexistência [...] um lugar é, portanto, uma configuração instantânea de posições. Implica uma indicação de estabilidade [...] O efeito produzido pelas operações que o orientam, o circunstanciam, o temporalizam e o levam a funcionar em unidade polivalente de programas conflituais ou de proximidades contratuais. [...]. Em suma, *o espaço é um lugar praticado*.

Nessa perspectiva, o espaço é um lugar regido de interação, diferente do ambiente que é fixo, sem interação, portanto, estático. Os relatos, por exemplo, criam e ordenam espaços. São práticas ‘espacializantes’. Para que haja espaço é necessário existirem indivíduos, ações e discursos. Os relatos, também, hierarquizam, demarcam e dizem o que pode e o que não pode. Segundo o Certeau as narrativas ordenam, fazem funcionar e temporalizam, isto é, colocam o espaço em um tempo.

Para nós, os altares serão espaços regidos por narrativas porque são ordenados. Cada benzedead, por exemplo, faz uma narrativa para explicar porque seu oratório é ordenado daquela forma como se apresenta. Isso porque, nessa perspectiva, o espaço ocorre enquanto ambiente vivenciado. Um determinado lugar se torna espaço quando as pessoas, no caso, as benzedeadas, realizam dinâmicas e assim o atualizam. Quando o lugar é ocupado, ele é transformado, e passa a ser um lugar praticado. Por isso podemos partir do pressuposto de que a organização das imagens dos altares das benzedeadas não obedece a regras gerais estabelecidas pelo conjunto das senhoras que benzem no município de Rebouças. O cotidiano é vivenciado aí.

Certeau (2011, p. 37-38) concebe as estratégias e as táticas cotidianas como uma série de ações combinatórias operacionalizadas pelos agentes sociais, quebrando com a característica de dominados ou simplesmente consumidores, mas como inventores de formas não evidenciadas que permeiam o cotidiano, dando-lhes

o *status* de verdadeiros produtores de alteridade. São, portanto, “essas as maneiras de fazer que constituem as mil práticas pelas quais os agentes se reapropriam do espaço organizado pelas técnicas da produção sociocultural” (CERTEAU, 2011, p. 41). O autor propõe o uso do conceito de *estratégia*:

O cálculo (ou a manipulação) das relações de forças que se torna possível a partir do momento em que um sujeito de querer e poder (uma empresa, um exército, uma cidade, uma instituição científica) pode ser isolado. A estratégia postula um *lugar* suscetível de ser circunscrito como *algo próprio* e ser a base de onde se podem gerir as relações com *uma exterioridade* de alvos ou ameaças (os clientes ou os concorrentes, os inimigos, o campo em torno da cidade, os objetivos e objetos de pesquisa etc.) (CERTEAU, 2007, p. 99)

Em contrapartida, a tática é:

Ação calculada que é determinada pela ausência de um próprio. Então nenhuma delimitação de fora lhe fornece a condição de autonomia. A tática não tem por lugar senão o do outro. E por isso deve jogar com o terreno que lhe é imposto tal como organiza a lei de uma força estranha. Não tem meios para se manter em si mesma, à distância, numa posição recuada, de previsão e de convocação própria: a tática é o movimento “dentro do campo de visão do inimigo” [...] e no espaço por ele controlado. [...] Ela opera golpe por golpe, lance por lance. Aproveita as “ocasiões” e delas depende, sem base para estocar benefícios, aumentar a produtividade e prever saídas. O que ela ganha não se conserva. Este não lugar lhe permite sem dúvida mobilidade, mas numa docilidade aos azares do tempo, para captar as possibilidades oferecidas por um instante. Tem que utilizar, vigilante, as falhas que as conjunturas particulares vão abrindo na vigilância do poder proprietário. Aí vai caçar. Cria ali surpresas. Consegue estar onde ninguém espera. É astúcia (Idem, p.100-101).

Dessa maneira, veremos, também, essas *estratégias* e *táticas* do cotidiano das benzedeadas. Como foi dito, recorreremos às imagens dos seus altares domésticos e a breves explanações feitas por elas em forma de entrevista. Os posicionamentos das imagens nos altares das benzedeadas, sua localização na sala ou na cozinha, também podem indicar algumas *estratégias*, tais como ter maior facilidade de acesso ao espaço sagrado enquanto realiza outros afazeres.

Ao entrarmos nas habitações dessas mulheres, nos deparamos com altares repletos de imagens de santos: estatuetas e gravuras. É comum, também, encontrar velas, flores e orações escritas em suportes diversos. Logo se percebe a devoção dessas pessoas, sendo muito comum a prática de organizar e manter altares domésticos entre elas. Dessa forma surgiram algumas questões sobre essas mesas de culto: Que variações existem? É comum estarem num determinado local da casa, ou não há uma regra para a sua localização no espaço doméstico? É espaço de pluralismo religioso? O que seria o elemento central desses altares? Como uma prática tão antiga sobrevive em meio à modernização?

## 2 | BENZEDEIRAS, REZAS E ALTARES

Cultuar e organizar altares se configura como uma prática muito antiga. Contudo, são raros os estudos e trabalhos sobre essa organização espacial construída

historicamente. Podemos dizer que, conforme a época e a região, os altares possuem significados diferentes. Segundo Russo, (2008, p. 11) no Brasil colonial um altar era sinônimo de prestígio social.

Atuando como um bem simbólico de prestígio, a posse de um oratório tomado como objeto litúrgico parece ter sido, sobretudo, uma das estratégias utilizadas pelos detentores desse privilégio para expressar ainda mais a sua posição superior, fato que, a nosso ver, é uma marca para o entendimento de tal sociabilidade religiosa ensejada na dimensão doméstica.

É bem provável que ainda seja uma fonte de prestígio manter uma mesa destas em casa, mas, conforme as entrevistas concedidas pelas benzedeadas de Rebouças, os altares significam a fé nas rezas e a proximidade com a religião. Notadamente, todas as benzedeadas entrevistadas se dizem pertencer ao culto católico. Então, discorreremos um pouco a respeito da identidade dessas mulheres, de seu aprendizado, das dificuldades que enfrentam, das expectativas numa sociedade que se globaliza. Iniciemos por algumas representações que delas se faz.

Elda Rizzo de Oliveira (1985, p. 25) refere-se à imagem comum de uma pessoa que benze:

Geralmente é a de que seja uma mulher, casada, mãe de alguns filhos, pobre, que conheça rezas, ervas, massagens, cataplasmas chás e simpatias, que tenha um quê de mistério, que lide com a magia, feitiçaria e bruxaria. E essa imagem corresponde aquilo que é a benzedead. Ela é tudo isso e um pouco mais. Ela é uma cientista popular que possui uma maneira muito peculiar de curar: combina os místicos da Religião e os truques da magia aos conhecimentos da medicina popular.

Para Oliveira, a benzedead é como uma cientista popular que “fala em nome de uma religião. Ela não pode ser entendida sem que sua religião seja considerada. A maior parte das benzedeadas é católica” (OLIVEIRA, 1985, p.26). Podemos dizer que a maioria das benzedeadas se vincula ao catolicismo, até mesmo devido à história da fé católica no Brasil. Até a proclamação da República, 1989, essa era a religião oficial do país.

A respeito deste ponto, Marisete T. Hoffmann Horochovski (2012, p.128) enfatiza que o ato de benzer é uma atividade antiga na sociedade brasileira. Geralmente, é praticado por mulheres - “ademais, costuma ser associada à religião católica, especificamente ao catolicismo popular e transmitida de geração a geração ou recebida como um dom divino”.



Figura 1- Altar da benzedeira Emília Valenga.

Autora: Marcia Scavinski 27/03/2014. Imagem colorida, JPG, 72 dpi. Acervo particular.

O altar da benzedeira Emília fica no quarto, em um local íntimo. As pessoas que procuram pelo seu atendimento não têm acesso ao lugar. Somente a benzedeira realiza suas orações particulares perante as imagens. Ela foi a única das entrevistadas que pediu para ser fotografada junto ao altar. Antes que a foto fosse batida, a benzedeira foi até o quintal da sua casa, colheu um ramo de arruda; depois disso, pegou um terço e se posicionou ao lado do seu altar, posando para o registro fotográfico. A benzedeira fez questão de apresentar os instrumentos que utiliza em seus atendimentos. O ramo serve como um escudo para o mal. Segundo Emília (2014): “Para benzer eu uso arruda. Senão, o mal vem para cima de mim. Uso o tercinho, também, para benzer, principalmente de quebrante”.

Segundo Emília, o altar está localizado no quarto por ser o ambiente mais sagrado de uma residência. Representa a proteção. É um lugar de descanso e de oração. Emília explicou que:

O quarto é o lugar mais sagrado da casa de qualquer pessoa. É aqui que eu faço todas as minhas orações e agradeço a Deus e aos santos pela minha vida. Faço meus pedidos... É um lugar que descanso e me sinto protegida. (Entrevista concedida por Emília Valenga a Marcia Scavinski, em 27/03/2014)

Na época do Brasil colônia, os altares caseiros situavam-se em lugares de destaque. Ali eram celebrados os batizados, os casamentos e as famílias se reuniam à noite para rezar diante dos santos (INSTITUTO NACIONAL DE PASTORAL, 1978, p. 25). Era comum, naquele período, as pessoas mais abastadas organizarem e manterem altares em suas casas como escreveu Afonso de Taunay:

Não havia pessoas de certa abastança que não armassem o oratório, geralmente numa alcova abrindo para a sala de visitas, e nele em determinados dias não fizessem celebrar missa [...] Era motivo de emulação o carinho com que enfeitavam e enriqueciam os oratórios com portas de cortina e arcos de talha e muitas ricas imagens. (TAUNAY apud PIRES, 1937. p. 120)

Já o altar de Emília, em meados da segunda década do século XXI, fica no quarto, ou seja, na intimidade da casa. Segundo ela, as pessoas que procuram pelo seu atendimento não têm acesso ao altar, mas somente a benzedeira realiza suas orações particulares perante as imagens. Diz que realiza seus atendimentos na sala, um ambiente desprovido dos símbolos religiosos presentes no altar.

Notamos, também em seu altar no lado direito a presença de um quadro do divino pai eterno, a devoção de Emília ao Divino Pai Eterno, segundo ela, começou no ano de 2009. Diz que tudo começou “... com o programa do Padre Robson, na Rede Vida”. Pode-se notar a convivência entre o antigo e o moderno, o que indica a presença das benzedeiros na sociedade moderna. Como diz Stuart Hall (2006, p. 3):

As sociedades modernas são, portanto, por definição, sociedades de mudança constante, rápida e permanente. Esta é a principal distinção entre as sociedades ‘tradicionais’ e as ‘modernas’. Anthony Giddens argumenta que: nas sociedades tradicionais, o passado é venerado e os símbolos são valorizados porque contêm e perpetuam a experiência de gerações. A tradição é um meio de lidar com o tempo e o espaço, inserindo qualquer atividade ou experiência particular na continuidade do passado, presente e futuro, os quais, por sua vez, são estruturados por práticas sociais recorrentes (...). A modernidade, em contraste, não é definida apenas como a experiência de convivência com a mudança rápida, abrangente e contínua, mas é uma forma altamente reflexiva de vida, na qual: as práticas sociais são constantemente examinadas e reformadas à luz das informações recebidas sobre aquelas próprias práticas, alterando, assim, constitutivamente, seu caráter (HALL, 2006. p. 03)

A devoção a N. Sra. Aparecida fica evidente na organização deste espaço. Ocupa-o, quantitativamente, quase por inteiro. Nesse sentido, parece que o espaço religioso ocupado no cômodo da casa de Emília segue uma tendência geral no Brasil. De acordo com Carmen Cinira Macedo (1989, p. 7) “o santuário de Aparecida do Norte, mais que um símbolo do catolicismo, é a expressão da própria religiosidade do brasileiro”.

José de Souza Martins (2002, s/p) escreveu sobre essa relação da imagem com o devoto. Diz que

Nos lugares de romaria, é comum a realização de uma foto de família defronte a uma imagem do santo ou, sobretudo, defronte à fachada da igreja. Até hoje os romeiros que vão a Aparecida do Norte querem ser fotografados diante do santuário antigo, quase contemporâneo da aparição da santa, mesmo que seja para depois levar as fotos para a sala de milagres no monumental e moderno santuário relativamente distante. O novo santuário é o lugar da missa e o velho santuário ainda é o lugar do apogeu da fé. No novo santuário estão os padres e no velho está a santa, não a imagem - a santa imaginada. A fotografia entra nessa fé produzindo a necessidade de imaginar o invisível, que é o sagrado, simbolizado pelo templo antigo.



Figura 2 – Altar da benzedeira Cacilda Viriato Lucek.

Autora: Marcia Scavinski 27/03/2014. Imagem colorida, JPG, 72 dpi. Acervo particular.

O altar organizado por Cacilda Lucek fica na cozinha. Está na porta de entrada da casa, junto a uma janela. As peças nele dispostas, não se encontram penduradas na parede, assim como se viu no altar preparado por Emília. Desta vez, os objetos foram arranjados sobre uma mesa de madeira.

As imagens e objetos foram dispostas de forma que, assim que alguém entre na casa, o altar é a primeira coisa que se vê. Cacilda atende seus pacientes ali mesmo, defronte ao altar. Afirma ser, também, neste lugar onde faz as costuras de rendidura, ou seja, de luxações de variados tipos. Pode-se dizer que esta benzedeira utiliza a estratégia de organizar o altar neste cômodo da casa, obtendo um contato visual mais próximo e frequente com as imagens de sua devoção.

A disposição do altar na cozinha se relaciona com os afazeres diários. Como ela mesma afirma:

O altazinho já fica aqui na cozinha na entrada da casa. Aí, a pessoa chega e já senta aqui na entrada da casa. Também, quando eu estou cozinhando ou lavando a louça, eu vejo os meus santinhos e vou rezando para eles. E quando as pessoas chegam aqui para benzer, a primeira coisa que faço é olhar para os meus santinhos e pedir ajuda para eles. (Entrevista concedida por Cacilda Viriato Lucek a Marcia Scavinski, em 27/03/2014)

Quando visitamos Cacilda em março de 2014, a mesa do altar estava guarnecida por uma toalha branca de tecido, bordada com flores. No centro, havia uma cruz de madeira. Nela estava pregado um corte de madeira no qual foi desenhado um crucifixo e escrita a oração de São Francisco de Assis. Na base, o nome de São José, escrito com letras vermelhas.

Segundo Cacilda, a cruz foi feita pelos membros da Igreja Católica do bairro, por ocasião da realização das missões em 1979. Quer dizer que, naquele ano, os padres vieram para visitar e pregar na cidade e, então,

Todos os que moravam aqui no bairro se reuniam nas casas para fazer a novena. Em cada casa que iam, levavam a Cruz. Nós rezávamos todos juntos. Nós acendíamos alguma vela e cantávamos e rezávamos. Hoje, acabou tudo. Ninguém quer mais saber disso, não é? (Entrevista Cacilda Viriato Lucek Op.cit.)

Os padres foram embora e a cruz ficou. Cacilda herdou a cruz. Do lado direito dessa peça, que é adornada por um rosário, está a estatueta do Sagrado Coração de Jesus, com os braços abertos. Próximo aos seus pés, uma pintura de um cálice cor de bronze, envolto por um círculo verde, e posteriormente a ele, um recipiente de vidro contendo a erva conhecida como Marcelinha (*Achyroclinesatureioides*, planta amplamente utilizada pelas benzedadeiras da região como calmante).

No lado esquerdo da cruz, nota-se uma capelinha com um crucifixo na parte de cima. Ao redor, várias conchinhas do mar. No centro dessa capela está a pintura de uma paisagem com palmeiras verdes e logo abaixo, a imagem de São João Batista. Na frente, a benzedeira deixa um recipiente de plástico (transparente) com instrumentos e materiais utilizados no ritual da costura sendo eles: tesoura, carretéis de linha, agulha e pedaços de tecido (retalhos de pano virgem).

Mais ao fundo do altar há um vaso de vidro (com pedrinhas coloridas verdes, rosas e vermelhas) contendo flores artificiais (girassóis). Ao lado, dois pedaços de tecido (branco e xadrez), um pequeno balde branco com água benta e dois frascos de vidro, além de outro de plástico na cor azul, todos contendo espinheira santa (*Maytenusilicifolia*, planta medicinal utilizada no combate a dores de estômago).

Como vemos, o espaço organizado pela benzedeira agrega ervas para remédio, para o preparo de chás. No caso anterior, apenas havia erva utilizada para a benzedura ou, mais precisamente, que serve como escudo para a benzedeira, a arruda. Também, a variedade de utensílios é maior. Cacilda falou a respeito das dificuldades que enfrentava, antigamente, para adquirir objetos sagrados tais como estes que se encontram no altar por ela organizado. Diz que quando iniciou suas atividades como benzedeira, “há uns trinta anos”, era difícil adquirir recipientes como o

...Vidro aí com os girassóis de plástico. A mãe [dela] queria ter um desses. Antigamente, nem existia e se existisse custava os olhos da cara. Não dava para ter. Hoje, graça ao Senhor Bom Deus, eu posso comprar; e não é tão caro. Essas flores de plástico são muito bonitas e não precisa ficar molhando, elas não secam (Entrevista Cacilda Viriato Lucek Op.cit.).

Como dissemos, no Brasil colonial as elites cultivavam altares em suas casas. Isso era sinônimo de prestígio social, embora as finalidades não fossem as mesmas que os das benzedadeiras atualmente. A narrativa de Gilberto Freyre (1954) diz que o catolicismo, no Brasil, lançou suas primeiras bases, justamente na capela de engenho. A este respeito, Luis Carlos Mott (1997, p. 166) informa que as famílias um pouco mais ricas, reservavam um quarto especial para o oratório. Era o quarto dos santos.

“Todas as alegrias e tristezas eram relatadas entre preces aos bentos simulacros bem guardados em um nicho de madeira forte, torneado e envernizado, com três faces de vidro”.

Naquelas casas de elite existiam esses suportes para os objetos sagrados, o oratório, o quarto específico. Nas residências das benzedeiros de Rebouças, atualmente, pode-se ter um móvel específico ou uma cômoda que funciona como altar, pode ser uma prateleira ou apenas um espaço na parede. Pode-se ainda utilizar dois espaços (móvel e parede), como é o caso do altar preparado por Terezinha de Jesus Peresslo.



Figura 3- Altar da benzedeira Terezinha de Jesus Peresslo.

Autora: Marcia Scavinski 27/03/2014. Imagem colorida, JPG, 72 dpi. Acervo particular.

### 3 | A FOTOGRAFIA NO ALTAR E O ALTAR NA FOTOGRAFIA.

José de Souza Martins (2002, p.12) estudou este tipo de representação e afirma que:

A fotografia não entra no Brasil pela porta estreita do moderno escasso e limitado. Ela entra justamente pela porta larga da religião e da tradição, do papel fundante que o medo teve na religiosidade engendrada pela Contra- Reforma e pelo Concílio de Trento - mesmo que o elitismo dos difusores da fotografia faça crer que era ela um momento de constituição do moderno no país. [...] O advento da fotografia como ícone e como ex-voto sugere uma mudança no imaginário religioso, reflete a redução da fé ao imaginário de um real supostamente sem ocultações, sem invisibilidades, sem demônios. De certo modo, a fotografia vem cumprindo uma função iconoclástica na religiosidade do brasileiro, destruindo o irrealismo

fantasioso das imagens e figurações barrocas. A fé da era da fotografia tornou-se outra fé, menos a fé do medo e mais a fé da esperança.

A fotografia do padre Marcelo indica o aspecto da convivência entre o tradicional e o moderno nos altares das benzedadeiras de Rebouças, assim como a devoção do Divino Pai Eterno que chega às casas das benzedadeiras por meio da mídia televisiva. Desde a década de 1950, com a urbanização e a industrialização crescente no Brasil, com o surgimento da TV e o incremento do rádio, houve uma expansão significativa das religiões no Brasil. Tal ampliação não se restringiu às religiões de matriz cristã.

Os católicos, então, viram nos meios de comunicação de massa uma estratégia para enfrentar estas novas frentes religiosas. Na década de 1970, chegou ao Brasil o Movimento de Renovação Carismática, caracterizado pela celebração dos cultos de louvor, de cura e de libertação. Um de seus principais expoentes no clero, já na década de 1990, foi o padre Marcelo Rossi que por sua atuação na mídia, tornou-se nacionalmente conhecido pela divulgação das práticas do 'carisma'. A imagem fotográfica do padre Marcelo no altar das benzedadeiras é icônica e mereceria um estudo à parte uma vez que as fotografias de padres e desses chamados santos populares, entre eles São João Maria, também são encontradas em altares desse tipo.

No centro do altar organizado por Terezinha (figura 3), na frente dos santos todos, está uma Bíblia da edição Ave Maria. O altar se expande pela parede na qual se vê uma figura de Nossa Senhora da Salete, impressa em papel, com o fundo preto; ao lado, outro quadro com o texto do Salmo 91.

A figura de Maria é mesmo presença generalizada nestes altares de benzedadeiras. Talvez, também, porque não tenhamos contatado homens benzedores nesta região para fazermos o contraponto com a visão das mulheres.

Assim, no altar organizado por Rosa Madrak, também, moradora de Rebouças/PR, nota-se quatro estatuetas e três quadros da Virgem. Além disso, imagens e estátuas de anjos, de santos e uma representação da cruz. Mas no canto direito do altar, vemos a imagem de Ganesha, uma das mais conhecidas representações divinas do hinduísmo.



com água e uma flor artificial vermelha. Por fim, outra estátua da padroeira do Brasil, em plástico.

Na prateleira de baixo, um quadro com uma pintura de nossa Senhora das Graças, uma representação de nossa Senhora do Sagrado Coração, feita de gesso. No centro da prateleira, a estátua de Santo Antônio, em gesso, um quadro com a pintura representando o Sagrado Coração de Jesus, um arcanjo no centro, e o Sagrado Coração de Maria ao lado. Ao redor dessa pintura há rosas desenhadas e dois anjinhos segurando uma faixa com o dístico: “Bênção dos lares”.

Podemos dizer que o acervo de objetos devocionais dos altares das benzedadeiras, vistos até aqui, varia de acordo com as preferências, as devoções e a trajetória de cada entrevistada, podendo, dessa forma, ser um espaço de múltiplas influências religiosas ou ritualísticas. Também, se vinculam a acontecimentos cotidianos, a programas de tevê, a certos momentos vividos no lugar em que se mora e em que se vive.

Mas o altar talvez mais “pós-moderno” seja o da benzedeira Agda (figura 5). Seu altar localiza-se na sala, logo após a porta de entrada, em uma estante. Há uma cadeira branca estofada na frente dessa estante para que as pessoas que procuram o atendimento possam sentar-se. Vemos que o espaço foi adaptado para o ofício de benzer.

Nesse altar convivem a religiosidade, a modernização e a mudança. No centro fica uma televisão colorida de 19 polegadas. Não é de última geração, mas trata-se de um elemento não usual num altar, assim como o rádio/cd que se encontra um pouco acima da TV.

Aqui, fotografias também ocupam o espaço ao lado de imagens de santos, mas além das fotos de beatos ou de figuras do catolicismo, há fotos de familiares. Além disso, há itens de beleza e higiene, tais como: esmalte de pintar unhas, creme de cabelo e hidratante corporal. Diferentemente dos altares existentes nos templos, as mesas das benzedadeiras podem conter santos e itens sagrados entremeados por objetos do cotidiano. Podemos dizer que as relações das benzedadeiras com os santos ocorrem de forma mais espontânea e sem cerimônia. Mas isso não significa dizer que estas mulheres desconheçam hierarquias entre o sagrado e o profano.

Helena Confortin (2005, p. 17) afirma que a espontaneidade é uma característica da cultura popular, uma vez que:

[...] As práticas são feitas por pessoas de qualquer classe social, homens e mulheres que, geralmente, nunca frequentaram cursos específicos. Aprenderam-nas com seus antepassados e consideram as práticas com um dom. Tais manifestações [...] sobrevivem atravessando o tempo e revelando o modo de viver e sobreviver, os costumes, as relações sociais, as ligações com o sagrado e com o profano, dos mais diversos povos.



Figura 5-Altar da benzedeira Agda de Andrade Cavalheiro.

Autora: Marcia Scavinski 14/05/2014. Imagem colorida, JPG, 72 dpi. Acervo particular.

A TV ocupa um lugar importante não somente no altar, mas nas práticas religiosas de Agda. Em lugar de se deslocar para uma Igreja a fim de que o padre benza a água utilizada nos ritos de cura, ela benze a água por meio do programa de televisão do padre Reginaldo. Como podemos ver, em seu altar há uma garrafa plástica com água ao lado esquerdo da televisão. A benzedeira não só benze a água, mas também assiste missas, reza, ouve aconselhamentos na TV e no rádio. Até mesmo o celular tem lugar na organização desse espaço sagrado.

Sobre o telefone celular, diz Agda:

Eu uso muito, e ajuda muito. Tem uma mulher que mora em Curitiba. Então eu ligo pelo celular para ela, não é? Faço o benzimento pelo celular. Vale a mesma coisa, não é? O que vale é a oração e a boa-fé... Ela me passou o e-mail dela sabe? Minha neta me ensinou a lidar com o computador. Tenho muita dificuldade, mas a neta me ajuda. Eu mando e-mail com orações para ela também. (Entrevista concedida por Agda de Andrade Cavalheiro a Marcia Scavinski, em 14/05/2014).

O altar é repleto de outros objetos que parecem estranhos ao campo das rezas: um vidro com a tampa decorada de azul e a cabeça do palhaço Patati e uma etiqueta escrito agulhinhas, um brinquedo (pônei de cor laranja), um pote plástico branco, um relógio redondo, um pequeno cachorro de gesso marrom, outro pônei de brinquedo amarelo, duas lâmpadas, um isqueiro e um pacote com cinco velas brancas, uma toalha de crochê branca, um pratinho vermelho de vidro, três velas brancas gastas, uma toalha vermelha de crochê e uma pequena bíblia de plástico. Tudo isso entremeado de

imagens de santos e fotografias de familiares e de padres.

As benzedeadas parecem compartilhar da ideia de que os santos protegem, trazem saúde e paz aos familiares e entes queridos. Notamos que alguns altares não são compostos apenas por imagens religiosas, mas também, por objetos do cotidiano e que fazem parte da vida das benzedeadas e que dividem espaço com os santos e itens sagrados, como as fotografias, objetos de higiene pessoal, televisão, celular, ferro elétrico, brinquedos, entre outros.

No Altar de Agda, embaixo da estante encontram-se algumas revistas e um boletim informativo do Movimento Aprendizes da Sabedoria (MASA), organização popular de benzedeadas, do qual participa. Há um retrato do monge João Maria, colocado em cima de uma caixa de celular. O monge em questão é João Maria de Agostini, um italiano que chegou ao Brasil por volta de 1840. Segundo Oro (2014) João Maria espalhava cruzeiros por onde passava e em meio à mata densa aparecia, em meados do século XIX. Todas as cinco benzedeadas entrevistadas se dizem devotas de São João Maria, denominação usada correntemente pelos devotos.

Concluimos a partir das entrevistas e da visão dos altares nas casas das benzedeadas que essa variedade de santos e itens considerados sagrados aumenta a garantia e a possibilidade de curar as pessoas e de alcançar as graças desejadas. Os santos têm importância central para as benzedeadas aqui estudadas. Segundo elas, são seus ajudantes, invocados por meio de orações e fórmulas próprias, pois para cada tipo de doença e benzimento existe um santo auxiliar específico. Assim, pode-se dizer que uma benzedeadas bem servida de santos tem mais opções na solução dos problemas e na cura de doenças daqueles que as procuram.

#### 4 | CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os altares organizados por benzedeadas no município de Rebouças-PR, são espaços praticados conforme as ações do cotidiano e seguindo regras muito gerais. Cada objeto ali colocado tem uma história que pode, até certo ponto, ser recuperada pela memória da pessoa que organizou o altar. Os posicionamentos das imagens nos altares das benzedeadas, sua localização na sala ou na cozinha, também podem indicar algumas *estratégias*, tais como ter maior facilidade de acesso ao espaço sagrado enquanto realiza outros afazeres.

Podemos dizer que o acervo de objetos devocionais dos altares das benzedeadas varia de acordo com as preferências, as devoções e a trajetória de vida de cada entrevistada, podendo, dessa forma, ser um espaço de múltiplas influências religiosas ou ritualísticas. Também, se vinculam a acontecimentos cotidianos, a programas de TV, a novas tecnologias e a certos momentos vividos no lugar em que se mora e em que se vive. A inclusão da imagem de Ganesha ao rol de santos de seu altar, como foi o caso de uma das entrevistadas, indica certa heterodoxia que marca a prática de

muitas dessas mulheres. Para algumas delas isso parece não ser problema.

Para as benzedeiças entrevistadas as orações e os santos são os principais elementos para proporcionar a cura a seus pacientes. Seus altares domésticos possuem uma variedade de santos e itens considerados sagrados, pois, dessa forma, as benzedeiças compartilham da ideia de que haverá uma maior possibilidade de curar as pessoas que procuram o seu atendimento.

Os altares observados se configuram como *espaços praticados*, vão mudando e se adaptando e se dilatam quando algum paciente traz um santo como forma de agradecimento ou testemunha de alguma cura ou graça alcançada. Nesses espaços é possível perceber quais são as preferências das benzedeiças. A imagem de nossa Senhora Aparecida em forma de estatueta encontra-se presente nos cinco altares estudados, sendo que em alguns deles há mais de uma imagem da santa.

O tradicional e o atual convivem nesses altares. Sendo assim, tais altares estão ligados a acontecimentos cotidianos, a programas televisivos, a certos momentos vividos no lugar em que se mora. Dessa forma, apreendemos que as benzedeiças ressignificam suas práticas ao longo do tempo e se adaptam a novas realidades. Não são avessas à modernização e incorporam novos elementos em suas benzeções, se comunicam por meio de celulares, acessam a internet, recebem e-mail, assistem televisão via satélite. Três benzedeiças afirmam que utilizam o celular para benzer pessoas à distância. Outra usa o computador para enviar e-mail com orações.

As práticas das benzedeiças passaram por mudanças, especialmente nas duas últimas décadas, em função do uso de novas tecnologias como a telefonia celular e a internet. Esses meios de comunicação possibilitaram o ato de benzer e enviar orações mesmo para pessoas em outras cidades. As possibilidades se ampliaram, mas o ofício permaneceu. A fé, as orações e os santos continuam a pautar os gestos, rezas e preceitos. A prática de organizar altares com imagens de santos, velas e flores ainda permanece entre as benzedeiças de Rebouças. Destaca-se um elemento particular, a disposição de fotografias nestes altares como algo novo, mas profundamente vinculado à tradição religiosa local: a figura do monge João Maria.

## **FONTES ORAIS**

Ágda de Andrade Cavalheiro. Entrevista concedida a Marcia Scavinski em 15/05/2014.

Cacilda Viriato Lucek. Entrevista concedida a Marcia Scavinski em 27/03/2014.

Emília Valenga. Entrevista concedida a Marcia Scavinski em 27/03/2015.

Terezinha de Jesus Peresslo. Entrevista concedida a Marcia Scavinski em 16/04/2014.

Rosa Madrak. Entrevista concedida a Marcia Scavinski em 15/04/2014.

## REFERÊNCIAS

- CERTEAU, Michel De. **A invenção do Cotidiano. 1 – artes de fazer**. Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes, 2007.
- CERTEAU, Michel de. **A Escrita da história**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1982.
- CONFORTIN, Helena. **Beneduras, superstições, simpatias... Mitos ou realidade**. Erechim: EdiFAPES, 2005.
- HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. 11ª ed. Rio de Janeiro: DP & A, 2006.
- HOROCHOVSKI, Marisete T. Hoffmann. Velhas benzedeadas. **Mediações**, Londrina, v. 17 n. 2, p. 126-140, Jul./Dez. 2012 .
- INSTITUTO NACIONAL DE PASTORAL. **Cadernos de Teologia e Pastoral**. RJ: Vozes, 1978.
- MACEDO, Carmen Cinira. **Imagem do eterno: religiões no Brasil**. São Paulo: Moderna, 1989.
- MARTINS, José de Souza. **Sociologia da fotografia e da imagem**. São Paulo: Contexto, 2008.
- MOTT, Luiz. Cotidiano e vivência religiosa: entre a capela e o calundu. In: SOUZA, Laura de Mello e (org.). **História da Vida Privada no Brasil: cotidiano e vida privada na América**. Vol. 1. São Paulo: Companhia das Letras, 1997.
- MEIHY, José Carlos Sebe Bom. **Manual de História Oral**. 5.ed. São Paulo: Edições Loyola, 2005.
- OLIVEIRA, Elda Rizzo de. **O que é benzeção**. São Paulo: Brasiliense, 1985.
- ORO, Ari Pedro. Monge João Maria de Agostini: Um Eremita peregrino transnacional. **Debates do NER**, Porto Alegre, ano 15, n. 25, p. 75-86, jan./jun. 2014
- PERUSSOLO, Jerônimo Cabral. **Rebouças por mim Jerônimo Cabral Perussolo**. Rebouças, 2011, p.27.
- RUSSO, Silveli Maria de Toledo. **O oratório como símbolo de poder no cotidiano religioso dos espaços domésticos da São Paulo colonial**. <http://www.anpuhsp.org.br/sp/downloads/CD%20XIX/PDF/Autores%20e%20Artigos/Silveli%20Maria%20de%20Toledo%20Russo.pdf>> Acesso 18/11/2014.

## **SOBRE A ORGANIZADORA**

**SOLANGE APARECIDA DE SOUZA MONTEIRO** Mestra em Processos de Ensino, Gestão e Inovação pela Universidade de Araraquara - UNIARA (2018). Possui graduação em Pedagogia pela Faculdade de Educação, Ciências e Letras Urubupunga (1989). Possui Especialização em Metodologia do Ensino pela Faculdade de Educação, Ciências e Letras Urubupunga (1992). Trabalha como pedagoga do Instituto Federal de São Paulo campus São Carlos (IFSP/ Câmpus Araraquara-SP). Participa dos núcleos: -Núcleo de Gêneros e Sexualidade do IFSP (NUGS); -Núcleo de Apoio às Pessoas com Necessidades Educacionais Específicas (NAPNE). Desenvolve sua pesquisa acadêmica na área de Educação, Sexualidade e em História e Cultura Africana, Afrobrasileira e Indígena e/ou Relações Étnico-racial.

Agência Brasileira do ISBN  
ISBN 978-85-7247-276-0



9 788572 472760